

Discurso de posse na Academia Nacional de Medicina

Cadeira 58

Prof. Dr. Paulo Marcelo Gehm Hoff

Exmo. Acadêmico Francisco José Barcellos Sampaio, presidente da Academia Nacional de Medicina.

Exmo. ministro Luiz Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal.

Exmo. dr. Geraldo Alckmin, governador do estado de São Paulo.

Prof. Dr. Davi Everson Uip, secretário da Saúde do estado de São Paulo.

Profa. Dra. Linamara Rizzo Battistella, secretária dos Direitos da Pessoa com Deficiência do estado de São Paulo.

Prof. Dr. José Otávio Costa Auler Júnior, diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Ilmo. dr. Florentino de Araújo Cardoso Filho, presidente da Associação Médica Brasileira.

Ilmo. dr. Gustavo Fernandes, presidente da Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica.

Senhoras acadêmicas e senhores acadêmicos.

Demais autoridades presentes.

Queridos colegas, amigos e familiares.

Gostaria de iniciar este discurso agradecendo imensamente a presença de todos nesta noite tão importante para mim e para meus familiares.

Tomo posse hoje da cadeira de número 58 desta egrégia instituição. Aceito esta honraria, confiada a mim pelos diletos acadêmicos e acadêmicas, com muita alegria, mas com sóbria consciência do peso da grande responsabilidade naturalmente atrelada a esta posição.

Os que me conhecem sabem que sou uma pessoa direta, e que prefiro discursos curtos, mas peço vênias, nesta ocasião especial, para rememorar um pouco de meu caminho até chegar a este precioso momento.

Nasci em Paranavaí, no norte do Paraná. Pouco tempo depois, com a morte de meu avô paterno, vítima de um câncer de pâncreas, fruto de anos de tabagismo, minha família mudou-se de volta para Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. Meu pai tornou-se fazendeiro em Santa Bárbara do Sul, onde cresci entre campos de trigo e soja.

Nos anos 80, minha família acompanhou a grande migração da agricultura brasileira em direção ao cerrado, e nos mudamos para Brasília, onde cursei a Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília. No fim do curso, o saudoso acadêmico Antonio Zapalla me orientou como conseguir uma bolsa de estudos na Universidade de Miami, onde completei, junto com minha esposa, Ana Amelia, o internato e, posteriormente, a residência em Clínica Médica.

Desde pequeno, sempre tive uma mente curiosa, e a ciência me fascina. Durante a residência, fui exposto ao problema crescente do câncer na sociedade moderna, e também ao grande esforço direcionado à pesquisa básica e clínica nesta mesma área. Acabei optando por seguir uma carreira em oncologia, especialidade relativamente nova, mas cheia de oportunidades, assistenciais e acadêmicas. Fui aceito para especialização em Oncologia e Hematologia no

M.D. Anderson Cancer Center, da Universidade do Texas, em Houston, enquanto minha esposa especializava-se em endocrinologia em Baylor, na mesma cidade.

Após completar nossa formação, fomos convidados a permanecer no M.D. Anderson como professores da Universidade do Texas. Trata-se do maior centro de tratamento de câncer do mundo, possibilitando que desenvolvêssemos uma linha profícua de pesquisa na área oncológica. Foquei particularmente no tratamento de tumores colorretais e no desenvolvimento de novos medicamentos.

Em 2006 recebi um convite para retornar ao Brasil, para liderar a oncologia do hospital Sírio-Libanês, onde estou até hoje. No entanto, sentia falta da vida acadêmica, e, com a aposentadoria do professor Ricardo Renzo Brentani, em 2007, assumi a disciplina e o serviço de Oncologia do Hospital das Clínicas da FMUSP, onde pude continuar a desenvolver minha carreira universitária.

O serviço de oncologia do Hospital das Clínicas era modesto, mas bem montado, e serviu de base para uma grande expansão desde então. Preciso, por justiça, enaltecer a visão estratégica do governador José Serra, que em 2007 comissionou a criação de um novo centro para o tratamento do câncer no estado de São Paulo, e do governador Geraldo Alckmin, seu sucessor, que encampou entusiasticamente a ideia, o que possibilitou a construção do Instituto do Câncer do Estado de São Paulo Octavio Frias de Oliveira praticamente do nada em poucos anos. Me orgulho de ter coordenado, a pedido do prof. Giovanni Cerri, a elaboração do plano original para o Icesp. Trabalhamos dia e noite, e em poucas semanas tínhamos o projeto completamente pronto.

Tive a honra de apresentar o mesmo ao governador, que o aprovou praticamente sem ressalvas, criando um dos maiores centros de tratamento de câncer da América Latina. Ressalte-se que se trata de um centro totalmente voltado aos pacientes mais necessitados de nosso país, com atendimento gratuito pelo SUS.

Data desta época meu primeiro contato com a Academia Nacional de Medicina. Em 2010 tive a oportunidade de participar de uma ampla discussão sobre a pesquisa clínica no Brasil, aqui, nesta mesma sala. Presenciei embates do mais alto nível, e me recorro particularmente bem do impacto que senti com a apresentação firme e clara do saudoso acadêmico Adib Jatene. Ele discorreu habilmente sobre o modelo brasileiro de controle ético e sobre a necessidade urgente de modernização do modelo atual.

A reunião de tantos próceres da medicina nacional, a seriedade e a profundidade dos debates, e o reconhecimento da instituição por todas as esferas políticas e administrativas da nação me impressionaram profundamente. Na época, fui extremamente bem-recebido nesta casa pelo seu então presidente, Pietro Novelino, e pelo meu amigo Marcos Moraes, e, mesmo sem o saber, naquele momento a semente de uma futura candidatura estava sendo plantada.

Continuei a desenvolver minhas atividades, com grande foco no ensino e na pesquisa, e dando minha modesta contribuição ao aprimoramento do nosso sistema de saúde, sempre que possível.

Aqui, permitam-me fazer um agradecimento especial aos drs. Giovanni Guido Cerri, Paulo Chapchap e José Otavio Costa Auler, extensivo aos colegas e alunos do Hospital Sírio-Libanês e do Icesp-Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. Sempre tive total liberdade e apoio das lideranças destas instituições para desenvolver minhas atividades acadêmicas da maneira que entendia apropriada, particularmente em relação ao Icesp.

Estava eu imerso nestas atividades quando recebi um telefonema do acadêmico e colega Silvano Raia, grande pioneiro do transplante hepático no Brasil, me estimulando a considerar uma candidatura à Academia. Após uma profunda reflexão, decidi que era chegada a hora de pleitear a cadeira. Agradeço imensamente ao dileto amigo pela confiança, pelo apoio e pelos sábios conselhos nesta jornada.

A Academia Nacional de Medicina, fundada em 1829 como Academia Imperial de Medicina, é a mais antiga instituição cultural e científica do Brasil. Permanece ainda hoje com a mesma missão de contribuir para o estudo, a discussão e o desenvolvimento das práticas da medicina, da cirurgia, da saúde pública e das ciências afins, além de servir como órgão de consulta do governo brasileiro sobre questões de saúde e de educação médica. Trata-se claramente de uma missão ambiciosa, mas que vem sendo cumprida com sucesso há quase 200 anos por gerações de acadêmicos e acadêmicas, que colocaram e colocam, com grande esforço, o bem maior da nação acima de seus interesses pessoais.

Considerando a importância desta instituição, é natural, e esperado, que o processo de escolha de um de seus integrantes seja muito rigoroso, como efetivamente o é. O candidato deve cumprir uma série de exigências técnicas, mas um dos principais ritos da eleição é pouco

conhecido fora da academia. Espera-se que o candidato visite e entregue seu currículo pessoalmente às senhoras e aos senhores acadêmicos.

Acredito que a minha experiência não seja única quando digo que esta proposta me causou verdadeiro pânico. A impressão é que não haveria tempo hábil para todas as visitas! Devo dizer, no entanto, que, como todo acadêmico pode atestar, trata-se na realidade de uma tarefa, que, embora realmente trabalhosa, é deveras prazerosa.

Durante as visitas, conheci e convivi com a elite intelectual médica brasileira, no melhor sentido da palavra. Tive conversas inteligentes, longas e cativantes. Pude conhecer mais da história da medicina brasileira, bem como entender a real importância da Academia, nas palavras de seus próprios membros.

Além do aspecto pessoal, as vindas frequentes ao Rio de Janeiro me permitiram conhecer lindas áreas da nossa antiga capital que não fazem parte da rota turística usual. Fiquei particularmente impressionado com a região central da cidade, tendo lanchado diversas vezes na Confeitaria Colombo, e com o bairro do Botafogo, onde muitos acadêmicos têm seus consultórios. As visitas acabaram sendo um verdadeiro bálsamo para a alma, e deixaram saudades.

Sr. presidente, peço vênias neste momento para reconhecer a presença de minha família. Aqui estão meus pais, Paulo Sérgio e Carla, minha irmã Ana Paula e seu esposo, Marcos Vinícios, meu irmão Paulo Sérgio e sua esposa, Daniela, meus sogros, Ruben e Cléa, e meus cunhados, Fernando e Cléa Themis, além de sobrinhos, tios, primos, e outros parentes. A todos meu agradecimento e carinho. A presença de vocês torna este dia ainda mais especial.

Não poderia deixar de mencionar, no entanto, que guardo amor e gratidão especiais para minha esposa, Ana Amélia, e minhas filhas, Camilla, Julianna e Isabella. Como muitos de vocês sabem, ser médico é aceitar um duro sacerdócio, que afeta o indivíduo e todos que o rodeiam. A profissão nos exige muito, desde nossa formação, árdua e longa, até o regime de trabalho extenuante, incomum em outras áreas.

Tenho consciência de que nem sempre estive tão próximo de minha família como gostaria e deveria, mas, acreditem, vocês são a razão maior de tudo o que eu faço e o meu grande e perene incentivo.

Agradeço também ao acadêmico Marcos Moraes pelas gentis palavras com que me recebe nesta casa. Minha admiração por este verdadeiro esteio da oncologia nacional vem de longa data. O dr. Marcos Fernando de Oliveira Moraes nasceu na cidade de Palmeiras dos Índios, em Alagoas, em 10 de agosto de 1936. Graduou-se pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1963 e foi diretor do Instituto Nacional de Câncer, onde participou da elaboração do Programa Nacional de Câncer, incluindo uma política de grande sucesso para o controle do tabagismo.

Posteriormente, participou da criação da Fundação Ary Frauzino para Pesquisa e Controle do Câncer. É membro desta Academia desde 1997, tendo sido eleito seu presidente em duas ocasiões, em 2007 e 2011.

Em 2010, a pedido da família do patrono do Icesp, aqui representada pela jornalista Cristina Frias, criamos o Prêmio Octavio Frias para homenagear indivíduos que tenham contribuído



exemplarmente para o avanço da oncologia brasileira. O primeiro homenageado, escolhido por uma comissão de notáveis, foi justamente o dr. Marcos Moraes. Na ocasião de sua homenagem, conversamos sobre a necessidade de mecanismos que possibilitassem novos aportes financeiros nas instituições que tratam pacientes com câncer pelo SUS.

Surgiu dele a ideia de criarmos um programa de incentivo fiscal, e trabalhamos lado a lado para a aprovação do Programa Nacional de Apoio à Atenção Oncológica (Pronon). Estivemos juntos no Palácio do Planalto entregando a proposta original, e várias vezes em Brasília pastoreando a proposta a bom termo pelos corredores do poder. Nesta empreitada, pude testemunhar o empreendedorismo, a inteligência, o carisma e a energia que tão bem caracterizam o ilustre acadêmico.

Minha gratidão também se estende aos senhores acadêmicos Silvano Mario Atílio Raia, Octavio Pires Vaz, Ricardo José Lopes da Cruz, José Osmar Medina de Abreu Pestana, José de Jesus Peixoto Camargo e Fábio Biscegli Jatene, que muito me dignificaram ao me conduzirem a este recinto.

Por intermédio deles, aproveito para saudar e agradecer a todos os ínclitos acadêmicos e acadêmicas, pelo tempo a mim conferido nas entrevistas, pelos sábios conselhos e pela recepção nesta casa.

Senhor presidente, nestes 187 anos, 662 acadêmicos foram aceitos nesta casa antes de minha chegada. Assumo hoje a cadeira de número 58, que tem como patrono o acadêmico Aloysio de

Castro e teve como ocupantes anteriores Teóphilo de Almeida Torres, Faustino Monteiro Esposel, Odilon Vieira Galotti, Bernardo Henrique de Nunes Couto e Yvon Toledo Rodrigues.

O dr. Aloysio de Castro é o patrono, mas curiosamente nunca ocupou a cadeira de número 58, tendo sido aceito e engrandecido a cadeira de número 9. Foi um grande médico, administrador e poeta. Nascido no Rio de Janeiro em 14 de junho de 1881, tornou-se doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1903. Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina com a memória intitulada “Sobre a Síndrome de Stokes-Adams” em 1904, aos 23 anos. Tornou-se emérito em 23 de novembro de 1933 e presidiu esta instituição de 1937 a 1942 e de 1943 a 1945. Foi Professor Catedrático de Patologia e Clínica Médica, além de diretor, de 1915 a 1925, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Era também um renomado poeta, tendo sido membro e presidente da Academia Brasileira de Letras. Faleceu em 1959.

O primeiro ocupante da cadeira 58 foi Teóphilo de Almeida Torres. Nascido em Macaé em 12 de março de 1863, tornou-se doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1886. Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1894, apresentando a memória intitulada “Valor semiótico do eritema - estudo clínico”. Nomeado para chefiar a Comissão de Profilaxia da Febre Amarela em Manaus, em 1913, conseguiu reduzir efetivamente os casos da doença. Atuou também como chefe da Inspeção de Fiscalização do Exercício da Medicina, Pharmacia, Arte Dentária e Obstetrícia. Faleceu em 30 de maio de 1928.

O segundo ocupante desta cadeira foi Faustino Monteiro Esposel. Nascido no Rio de Janeiro em 24 de outubro de 1888, tornou-se doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1910. Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1927 apresentando a memória intitulada “Em torno do sinal de Babinsky”. Fez parte da missão médica brasileira que foi à Europa durante a I Grande Guerra, em 1918. Entusiasta dos esportes e da educação física, pertenceu a diversas associações esportivas, tendo sido inclusive presidente do Clube de Regatas do Flamengo. Faleceu em 16 de setembro de 1931. Como curiosidade, de acordo com o jornalista e espírita Luciano dos Anjos, a personalidade André Luiz, psicografada por Francisco Cândido Xavier, teria sido o dr. Faustino Monteiro Esposel.

O terceiro ocupante da cadeira 58 foi o dr. Odilon Vieira Gallotti. Nascido em Tijuca, Santa Catarina, em 1º de janeiro de 1888, tornou-se doutor em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1914. Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 25 de junho de 1936 com a memória intitulada “Narcolepsias e cataplexias”. Foi livre-docente de Clínica Neurológica da Universidade do Brasil e catedrático da Escola de Enfermeiros do Hospital Psiquiátrico, além de diretor do Hospital Pedro II por mais de dez anos. Em 4 de dezembro de 1958 solicitou transferência para emérito, e faleceu em 4 de novembro de 1959.

Foi sucedido pelo quarto ocupante, o dr. Bernardo Henrique de Nunes Couto. Nascido em São Luís do Maranhão em 19 de janeiro de 1918, formou-se na Faculdade de Medicina da Praia Vermelha em 1941. Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1959. Trabalhou na Santa Casa de Misericórdia e depois no Instituto de Neurologia da Universidade do Brasil. Em 1960 tornou-se catedrático de Neurologia da Faculdade de Medicina da UFF. Com

a aposentadoria do prof. Deolindo Couto, tornou-se professor da Faculdade de Medicina da UFRJ. Passou a emérito em 1985, e faleceu em 30 de novembro de 1997.

Finalmente, o quinto ocupante da cadeira 58, meu predecessor imediato, foi o prof. Yvon Toledo Rodrigues. Nascido no Rio de Janeiro em 13 de Janeiro de 1927, formou-se em Medicina em 1953 pela antiga Faculdade Nacional de Medicina. Foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina em 1985. Especialista em Puericultura pela UFRJ, foi professor-assistente do Instituto de Puericultura, professor de Doenças Infecto Parasitárias, livre-docente em Pediatria pela UniRio e pela UFF. Foi professor titular da Fundação Souza Marques e também da Universidade Gama Filho. Nesta Academia foi diretor da biblioteca, 2º secretário, membro das comissões dos prêmios Ismael M. Sodré e Fernandes Figueira, além de editor dos *Anais da Academia*. É ainda autor de múltiplos trabalhos e livros.

O prof. Yvon passou a emérito em 2015, mas, ao visitá-lo na entrevista protocolar, encontrei-o bastante atarefado em seu consultório, em pleno sábado pela manhã. Muito simpático e afável, com a mente afiada, ainda está em plena atividade aos 90 anos, servindo de exemplo às novas gerações de médicos de nosso país.

Senhoras e senhores, vivemos hoje um momento difícil, mas infelizmente não único na história brasileira. Como em outras ocasiões do passado, a euforia econômica do início deste século deu lugar às preocupações de um país com dificuldade para crescer e atender aos anseios mais básicos de sua população.

A criação do SUS representa um marco para a nossa sociedade, mas não deve, nem pode, ser considerada uma obra pronta e estática. As circunstâncias e as necessidades modificam-se ao longo dos anos, e as instituições precisam adaptar-se continuamente para não perder seu papel e sua relevância.

Albert Einstein dizia que as crises são uma bênção para pessoas e países, porque as crises trazem progresso. A criatividade nasce da angústia, como o dia nasce da noite escura. É na crise que nascem as grandes invenções, os descobrimentos e as grandes estratégias.

Temos no nosso país uma crise moral, com quebra da confiança da população em relação às elites políticas. Esta descrença se estende perigosamente a toda forma de instituição e hierarquia, incluindo aqui aquelas representadas pelas elites intelectuais. Precisamos dar uma resposta forte à sociedade, mostrando que a democracia funciona e que as lideranças civis também buscam e exigem um país mais justo e com transparência em suas decisões.

Temos desafios grandiosos no ensino médico. A falta de médicos em certas regiões, particularmente nas mais afastadas dos grandes centros urbanos, é um problema real, que precisa ser enfrentado com coragem. Esta necessidade, no entanto, não pode ser justificativa para que se abra mão da qualidade dos profissionais médicos. Testemunhamos, no passado recente, um enorme aumento no número de escolas médicas no Brasil, mas a qualidade do ensino infelizmente não é uniforme. Não é justo que parte da população fique exposta a profissionais sem capacitação adequada. Ainda que controverso, torna-se cada vez mais necessário que se estabeleça um exame seriado e padronizado para aferir a competência dos novos médicos, independentemente de onde fizeram sua formação.

Da mesma forma, precisamos estudar com atenção como melhorar o sistema de residências médicas para que contribuam para a melhor distribuição de médicos pelo país, além de continuarmos discutindo formas de aprimorar a pesquisa e a ciência no Brasil, como vem sendo feito com o PLS 200/2015.

Como oncologista, não poderia deixar de mencionar as dificuldades relacionadas ao financiamento da saúde. Praticamente todos os países do mundo estão sendo confrontados com a realidade dos elevados custos envolvidos na incorporação de novas tecnologias médicas. Avançamos de maneira impressionante no desenvolvimento de equipamentos e tratamentos mais eficazes, mas a um custo verdadeiramente atarrador.

Os Estados Unidos da América, maior economia da Terra, têm hoje quase 20% de seu PIB na saúde, e mesmo assim não conseguem universalizar o acesso de toda a sua população. O Brasil apresenta uma situação ainda mais complicada, pois mesmo somando os investimentos privados ao público não atingimos 10% do PIB aplicado na saúde.

Simplesmente não investimos o suficiente para cumprirmos as promessas feitas pela Constituição em seu artigo 196.

A percepção de que o Estado não atende suas obrigações levou ao surgimento da judicialização na medicina, o que complica ainda mais o cenário, ao interferir diretamente no planejamento estratégico das Secretarias de Saúde de todo o país. A promessa de tudo para todos é de difícil realização, particularmente em nosso país, assolado por dois anos de uma recessão econômica,

mais intensa até do que a famosa Crise de 1929. Ao mesmo tempo, o Estado precisa responder às necessidades reais de saúde da população que dele depende.

Como equacionar esta fórmula econômica aparentemente sem resposta? Abandonar os avanços?

Recuar após tanto esforço não parece ser a melhor opção, mas decisões difíceis serão necessárias, e a Academia Nacional de Medicina está em uma situação ímpar para colaborar nesta discussão.

Esta instituição bicentenária está isenta de conflitos de interesse de qualquer espécie, e reúne entre seus pares expoentes de todas as correntes ideológicas da medicina brasileira. As deliberações deste colegiado ressoam com força nos gabinetes da República, por sua seriedade, tradição e competência. Trata-se, portanto, do fórum ideal para discussões profundas sobre a medicina que queremos para nossos concidadãos, hoje e no futuro.

Sr. presidente, me sinto pequeno, mas com o coração cheio de júbilo, diante da grande honra a mim conferida nesta noite. Me coloco à disposição desta casa, como um bom soldado, para juntos continuarmos trabalhando incessantemente para elevar cada vez mais a qualidade do atendimento e a excelência da pesquisa e do ensino médico em nossa nação.